

# PROJETO QUERINO

O projeto Querino é apoiado pelo Instituto Ibirapitanga.

O podcast é produzido pela Rádio Novelo.

## Episódio 01: A grande aposta

<<<< sons de fogo, de incêndio >>>>

<<<< sons de sirene >>>>

**Voz 1:** Que isso, mané. Ih, mané, esse fogo está indo até lá em cima, mané. *(Tá indo até lá em cima, começou lá...)* Ih, vai apagar. Olha isso, cara...

**Voz 2:** Já chegou muito carro de bombeiro... a Guarda Municipal já está presente... o fogo tá se alastrando muito rápido....

<<<< som de TV ligando >>>>

**Voz 3:** E atenção, uma notícia que acaba de chegar. Um incêndio de grandes proporções está destruindo neste momento o Museu Nacional no Rio de Janeiro.

<<<< som de troca de canal na TV >>>>

**Voz 4:** Olha, a cena é muito triste. A gente vê daqui todo o museu sendo destruído pelo fogo. Esse incêndio começou por volta de umas sete e meia da noite. Segundo a assessoria....

<<<< som ambiente, som de passos >>>>

**Tiago Rogero:** O incêndio no Museu Nacional foi numa madrugada de domingo pra segunda, em setembro de 2018.

Foram mais de 6 horas de fogo, e mais de 80% do acervo se perdeu.

Quase tudo que tava lá dentro.

A estrutura externa ficou; as paredes, a fachada,

e eu tô olhando pro prédio do museu, agora, do lado de fora.

Fica na Quinta da Boa Vista, que é um parque em São Cristóvão, bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro.

Acho que esse dia do incêndio ainda tá muito vivo na mente das pessoas.

Pra quase todo mundo, talvez seja essa a imagem que vem à cabeça quando se fala no museu,

o que é compreensível, até porque foi um absurdo o que aconteceu.

Mas a história desse prédio tem uns esqueletos no armário.

Tem muita coisa por trás.

Antes de virar um museu, esse palácio enorme era a casa de alguém.

A casa.

E é curioso pensar no conceito de casa,

porque o lugar onde a gente mora pode revelar muita coisa sobre quem a gente é.

Se a casa é própria, se é alugada...

Se é perto da família,

ou é longe, mas é perto do trabalho...

Se é grande, se é pequena...

Se é nova, se é mais antiga...

Tem casa que ajuda até a explicar a... História de um país.

E é o caso dessa aqui.

O palácio do Museu Nacional já foi residência oficial da Família Real, depois Família Imperial, do Brasil. Sabe? Dom João VI, Dom Pedro I, Dom Pedro II, Princesa Isabel?

O nome é Palácio de São Cristóvão.

É como se fosse hoje em dia o Palácio da Alvorada, lá em Brasília...

Só que, diferentemente do Alvorada, este palácio aqui num foi construído pra ser a residência oficial do Dom João Sexto.

Já existia um prédio aqui.

Tinha sido construído por um comerciante bem rico, o Elias Antônio Lopes.

Daí quando a família real portuguesa veio pro Brasil, em 1808, era disparada a melhor mansão do Rio, e o Elias doou a casa, e toda a Quinta da Boa Vista, pro Dom João VI morar com a família.

Bonzinho ele...

Mas comé que o Elias, um comerciante, juntou tanto dinheiro assim pra poder não só construir a melhor mansão do Rio, mas também pra poder se dar ao luxo de doar ela?

De abrir mão dela?

É que ele num era qualquer comerciante.

Ele trabalhava com o bem mais valioso daquela época.

Num era café, num era açúcar, num era ouro, num era diamante.

O Elias era traficante...

de gente.

O Elias Antônio Lopes mandava um navio lá na costa do continente africano, embarcava um monte de gente acorrentada — homens, mulheres, crianças —, colocava todo mundo no porão desse navio por semanas, até meses de viagem, e trazia pra vender por aqui.

E a família real aceitou essa doação.

Não se constrangeu nem um pouco de aceitar esse presente.

Assim, o tráfico nessa época era legal, era permitido por lei, mas num deixa de ser uma coisa grotesca.

E o simbolismo desse gesto, de transformar em residência oficial uma casa construída com o dinheiro do tráfico negreiro,

dessa relação extremamente próxima entre um traficante de escravos e a família real,

o simbolismo disso

ajuda a explicar não só por que a escravidão durou tanto tempo no Brasil,  
mas a própria Independência do Brasil.

Ajuda a explicar por que o Brasil  
é o Brasil.

Porque,  
talvez não tenham te ensinado isso na escola,  
mas o Brasil nasceu da escravidão.

Foi a exploração do conhecimento e do trabalho,  
primeiro dos indígenas,  
e depois dos africanos e dos seus descendentes,  
que gerou toda a riqueza da colônia, e depois do país.

Quando o Brasil ficou independente de Portugal, em 1822,  
já tinha muito país,  
nações europeias, por exemplo, que já tinham lucrado bastante, tanto com a escravidão  
quanto com o tráfico,  
que tavam discutindo e até aplicando o fim do comércio negreiro ou a abolição.

Mas o Brasil foi na outra direção:

as elites brasileiras não só reafirmaram o pacto com a exploração da mão-de-obra  
escrava.

Elas dobraram a aposta. A escravidão não ia só continuar, ia aumentar.

E também não é que não tinha uma escolha, uma outra possibilidade de Brasil.

Tinha várias.

E daqui a pouco cê vai ouvir sobre elas.

Foi por causa da escravidão e foi graças à escravidão  
que aquele aglomerado de províncias,

tudo diferente uma da outra,  
decidiu se juntar e tentar formar  
um país. Uma unidade.

Foi por causa da escravidão  
e do medo.

Este podcast, e o projeto Querino, apoiados pelo Instituto Ibirapitanga,  
são o resultado de um longo trabalho de pesquisa, viagens e de dezenas de entrevistas  
que começaram ainda em 2020.

Um olhar afrocentrado sobre a História do Brasil.

Uma História que talvez você ainda não ouviu. Não leu. Não viu.

Sem medo de botar o dedo na ferida das elites.

De apontar o dedo pra quem escravizou e se beneficiou disso.

Apontar responsabilidades.

Que momento melhor pra fazer isso

do que nos 200 anos da Independência?

Eu sou o Tiago Rogero,

este é o podcast do projeto Querino,  
produzido pela Rádio Novelo.

Episódio Um: A grande aposta.

**Thiago Campos Pessoa:** É muito interessante, porque o Brasil ele nasce como um país de fato, como um Estado Nação, atrelado ao tráfico de africanos porque esses agentes do tráfico eles estão diretamente envolvidos e de maneira até bastante contundente na própria construção do Estado Nação. De modo que a

própria moradia do Imperador, ela tinha uma relação direta com o tráfico, e isso por si só é bastante emblemático.

**Tiago Rogero:** Este é o Thiago Campos Pessoa, historiador e professor.

Ele é autor de um livro que vai ser central pra gente no próximo episódio, mas por enquanto ele tá explicando o que que era um traficante de escravos naquela época.

Desde o fim do século XVIII, o Rio já era a província mais rica do Brasil.

E essa riqueza vinha do tráfico.

E algo pra se ter em mente é que o tráfico não era um negócio de uma pessoa só.

Uma história de um só vilão.

Era uma cadeia produtiva.

**Thiago Campos Pessoa:** Era uma operação bastante complexa, tanto em termos operacionais, como em termos logísticos, econômicos, financeiros... Então, quando a gente pensa no traficante de escravos, a gente tem que pensar numa cadeia de atores e de mercadorias e de agências que vão para muito além do próprio controle desse traficante de escravos. Dificilmente era feito por uma pessoa só.

**Tiago Rogero:** Embora ainda fosse legal, o tráfico já começava a ser questionado.

No Período Colonial, a palavra tráfico tinha mais um sentido de...

**Thiago Campos Pessoa:** ...comércio e movimento. Acontece que na virada no século XVIII para o século XIX, né, à medida que o abolicionismo, que se inicia na Inglaterra, a ideia de ser traficante de escravos ela começa a mudar um pouco, sobretudo por conta dessa condenação moral e política advinda desse amplo movimento que se inicia na Inglaterra e se espalha pelo Ocidente.

**Tiago Rogero:** Antes disso, a Inglaterra tinha lucrado muito com o tráfico de escravizados e com a escravidão.

Muito.

Mas a Revolução Industrial tava em curso,

e em 1807 o parlamento inglês decidiu pelo fim do tráfico de escravizados pra Inglaterra e pras colônias britânicas.

Daí o que era produzido nessas colônias ficou mais caro do que os produtos de quem ainda escravizava. Como por exemplo as colônias de Portugal.

Aliás, faltou explicar por que a família real portuguesa veio parar numa dessas colônias. Em 1789, teve início a Revolução Francesa.

Daí passam 10 anos, teve um golpe de estado e colocaram um militar no poder: o Napoleão Bonaparte.

Ele se proclamou imperador e começou um processo de expansão do império francês. A França invadiu Portugal, e a família real veio fugida pro Brasil.

A Inglaterra, que também tava se defendendo da França, escoltou os portugueses.

O Dom João VI nessa época ainda era regente. A rainha era a mãe dele, a Dona Maria I, mas ela tinha sido declarada mentalmente incapaz uns 15 anos antes.

E aí, em contrapartida pela ajuda dos ingleses, o Dom João decretou a abertura dos portos:

os comerciantes brasileiros poderiam fazer negócios com outros países, e não só com Portugal.

E a Inglaterra, que era o principal parceiro comercial de Portugal, e já há bastante tempo, começou a pressionar o Dom João pra acabar também com o tráfico.

Teve até um amigo brasileiro do Dom João, um advogado, que fez uma sugestão: que os filhos dos escravizados nascessem livres a partir daquele momento, e que a escravidão toda tivesse fim dali a dez anos. Isso foi em 1810.

Sabe o que o Dom João fez com o conselho?

Nada.

O que ele assinou naquele ano, por pressão da Inglaterra, foi um tratado se comprometendo a acabar com o tráfico, de forma gradual.

Num dava prazo nenhum, só dizia "gradual".

**Ynaê Lopes dos Santos:** O Brasil vira um país independente nesse contexto, no qual a sua maior parceira política é contrária ao tráfico, não só contrária como organizou uma campanha pra que esse tráfico de fato não se viabilizasse.

**Tiago Rogero:** Esta é a Ynaê Lopes dos Santos, historiadora e professora da Universidade Federal Fluminense. Ela também é a nossa consultora em História deste projeto e é a autora do livro "Racismo brasileiro. Uma história da formação do país".

**Ynaê Lopes dos Santos:** O Brasil era uma colônia ainda, quer dizer... não era uma colônia, o Brasil era... fazia parte do Estado, do império ultramarino, né, já como... no lugar de Estado

**Tiago Rogero:** A chegada da família real foi uma mudança de patamar pro Brasil.

Depois da abertura dos portos, a economia explodiu. Principalmente no Rio e no Sudeste.

E o Brasil foi meio que promovido, em 1815:

deixou de ser só colônia e passou a ser um Reino Unido a Portugal.

**Ynaê Lopes dos Santos:** ...algo intermediário entre uma colônia e um Estado soberano. Então era um lugar politicamente um tanto quanto dúbio.

**Tiago Rogero:** Naquele mesmo ano, o Dom João assinou um novo tratado com a Inglaterra.

A partir daí, Portugal e o Brasil tavam proibidos de traficar pessoas que tinham sido sequestradas acima da Linha do Equador.

E, tipo, tem uma parte enorme do continente africano que fica acima da Linha do Equador.

Cê acha que alguém cumpriu?

Na prática, o tráfico não acabou, mas aumentou.

Nos dez anos antes da chegada da família real, 30 mil escravizados foram desembarcados por ano no Brasil.

Nos dez anos depois, subiu pra 42 mil por ano.

Tinha mais gente sendo escravizada no Brasil, pouco mais de 1 milhão de pessoas, do que a população inteira de Portugal.

**Ynaê Lopes dos Santos:** A chegada da família real é também o momento em que se sublinha essa característica escravocrata do Brasil que tem como particularidade essa forte relação com o tráfico transatlântico na medida em que esse tráfico era operado, em grande medida, por um número significativo de famílias oligárquicas de diferentes partes do país, de diferentes regiões do país, que tinham, enfim, a sua riqueza vinculada ao tráfico.

**Tiago Rogero:** As tropas francesas acabaram deixando Portugal, mas a família real continuou no Brasil.

A economia lá tava em frangalhos, e os portugueses tavam reclamando que tinham virado colônia do Brasil, que num parava de crescer.

Daí em 1820, estourou em Portugal a Revolução Liberal do Porto.

Teve um golpe lá, com o apoio do exército, e decidiram transformar o Reino de Portugal numa monarquia constitucional.

Teriam uma Constituição feita por parlamentares.

O Dom João nessa época já era rei, a mãe dele tinha morrido, e Portugal exigiu que ele voltasse.

Em fevereiro de 1821, ainda no Brasil, ele já teve que jurar lealdade à futura Constituição portuguesa, e nomeou um filho dele, o Pedro, de 22 anos, como príncipe regente do governo provisório do Reino do Brasil.

E o Dom João viajou pra Lisboa levando todo o dinheiro que tava guardado no Banco do Brasil, que tinha sido fundado quando ele chegou.

E começaram a discutir a nova Constituição lá em Portugal, com a participação de deputados brasileiros:

**Mary Del Priore:** A proposta que, ahn, o José Bonifácio vai fazer sobre a abolição é feita aqui antes da Constituinte. Ele vem com uma proposta. Ele vem representando a junta governativa de São Paulo.

**Tiago Rogero:** Essa é a historiadora e escritora Mary Del Priore. Ela escreveu a biografia do Patrono da Independência do Brasil, o José Bonifácio.

Nessa época, o Bonifácio ainda não era deputado. Mas tava trabalhando numa proposta pra bancada de São Paulo apresentar:

o fim da escravidão.

Não uma abolição imediata, mas gradativa, pra segundo ele não arruinar o comércio e os agricultores.

**Mary Del Priore:** Aí ele vai ter uma proposta de abolição que sequer é apresentada, sequer é ouvida. Abolição em quatro anos, né? A coisa não vai pra frente. Nas Cortes...

**Tiago Rogero:** Cortes era o nome que tinha essa assembleia constituinte, lá em Portugal.

**Mary Del Priore:** ...nas Cortes, quem é muito, muito, muito atuante é o irmão dele, Antonio Carlos. E Antonio Carlos está nesse momento nas Cortes em Portugal falando não de uma independência, isso não estava claro, mas da autonomia das províncias brasileiras. É o que se quer, é o que a elite deseja. As elites locais querem cada qual se ocupar dos seus negócios sem interferência de Portugal.

**Tiago Rogero:** As elites tinham medo, tinham pavor, de perder tudo o que elas tinham conquistado. Todo o dinheiro, todos os cargos, todas as benesses.

Mas não era só disso que elas tinham medo.

**Mary Del Priore:** Eu lembro da Revolução do Haiti que vai ser também uma espécie de monstro, né, em cima dos grandes senhores de escravos e também dos traficantes de escravos que ganham fortunas nessa época.

**Tiago Rogero:** As elites morriam de medo de que houvesse aqui uma revolução como a do Haiti, que tinha acontecido fazia pouco tempo, e tão pertinho do Brasil.

Cê sabe o que foi a Revolução do Haiti?

**Marco Morel:** A Revolução do Haiti foi um acontecimento maior na História da Humanidade.

**Tiago Rogero:** Este é o Marco Morel, historiador e professor da Universidade do Estado do Rio, autor do livro "A Revolução do Haiti e o Brasil escravista: O que não deve ser dito".

**Marco Morel:** É que foi a primeira insurreição, rebelião que se transformou em insurreição e se transformou em revolução, de trabalhadores escravizados que conseguiu destruir a sociedade escravista, né, e no caso colonial, e chegar ao poder. Isso é um fato único na História da Humanidade, né? Uma rebelião de escravos que consegue destruir a sociedade escravista e chegar ao poder.

**Tiago Rogero:** Os escravizados se rebelaram, se libertaram, e mataram os senhores.

**Marco Morel:** Em segundo lugar, foi a segunda independência proclamada nas Américas, né? Primeiro foram os Estados Unidos e segundo o Haiti. Em terceiro lugar, e não menos importante, é porque foi o primeiro país das Américas a abolir a escravatura, em 1793, 94. Então por esse motivo e por representar o protagonismo da população negra e mulata daquela sociedade como vitoriosos, né, no sentido de que naquele momento conseguiram criar novas formas de relação social etc.

**Tiago Rogero:** Nas Cortes, lá em Portugal, tinha gente argumentando que, uma vez independente, o Brasil enfrentaria um levante

negro e escravo.

E o clima só esquentava entre os deputados portugueses e os deputados brasileiros.

Os gajos queriam que o aparelho de Estado,  
ou, falando em português muito claro, que o dinheiro  
voltasse e ficasse todo concentrado em Lisboa.  
E queriam também a volta  
do príncipe. Do Pedro.

Já os brasileiros num aceitavam nada disso,  
exigiam um sistema de leis próprio, uma divisão mais justa dos impostos e a permanência  
do príncipe.

E começou a circular por aqui que Portugal queria  
era recolonizar o Brasil.

**Mary Del Priore:** Temos aí um inimigo em comum, esse perigo é a recolonização,  
que não interessa aos ingleses que já tão nadando de braçada em todos os  
contratos da abertura dos portos, e que os brasileiros também não querem ser  
reduzidos a cidadãos de segunda categoria.

**Tiago Rogero:** Cidadãos de segunda categoria.

**Mary Del Priore:** Todos vão se unir em torno da ideia do império, do poderoso  
império, do medo da recolonização, e isso certamente vai projetar Bonifácio como  
conselheiro de Dom Pedro.

**Tiago Rogero:** O Bonifácio,  
aquele mesmo que queria levar pras Cortes uma proposta pelo fim da escravidão.

**Mary Del Priore:** Ele é o grande conselheiro, mas ele enfrenta muita rejeição dos  
senhores de escravos, dos comerciantes portugueses, dos fidalgos portugueses.

**Tiago Rogero:** José Bonifácio era um político branco, tinha acabado de voltar de um  
período de quase 40 anos estudando na Europa, e trabalhando um pouquinho.

E lá ele acabou tendo contato com o abolicionismo inglês.

Mas no geral ele era um sujeito que, até então, nunca tinha tido muito destaque.

**Mary Del Priore:** Ele, ao contrário do que se diz, não terá estudado com nenhum dos grandes professores na França. Ele se limita a ser um técnico de mineração. Ele vai ser professor numa universidade que o detesta. Ele é brasileiro, ele não tem dinheiro, ele não tem prestígio, ele ganha um salário que é uma porcaria.

**Tiago Rogero:** Só que, quando ele voltou ao Brasil, acabou caindo nas graças do príncipe regente.

**Mary Del Priore:** Ele vai cultivar a ideia em Dom Pedro de que é possível um poderoso império. Ele recolhe assinaturas, 8 mil assinaturas, pedindo a Dom Pedro que fique.

**Tiago Rogero:** O Fico.

Em setembro de 1821, tinha chegado um decreto das Cortes ordenando o fim da regência e o retorno imediato do príncipe a Portugal.

Mas o Pedro sabia que o pai dele, o Dom João, tinha virado um rei decorativo. E o príncipe decidiu ficar.

Ele demitiu todo o ministério que o pai dele tinha deixado, e nomeou outro.

Seu braço-direito era o Bonifácio: ministro dos Negócios do Reino e Estrangeiros. Pela primeira vez, o cargo foi ocupado por um brasileiro.

Daí em 1822 começou uma campanha interna pra garantir a independência.

Especialmente uma que fosse ordeira.

Pra num dar chance pros escravizados se revoltarem.

O governo e as elites queriam a todo custo evitar que o Brasil se dividisse como aconteceu com os nossos vizinhos da América do Sul, que tinha várias colônias, mas com todas obedecendo ao mesmo rei.

**Mary Del Priore:** Os ingleses só se referiam ao Brasil como Brazils, com "s". Brazils porque o Brasil era uma colcha de retalhos, me pergunto se não é até hoje. Enfim, o Nordeste com um projeto; o Grande Norte com outro projeto; o Sul com outro projeto; o Sudeste... Minas sempre em cima do muro.

**Tiago Rogero:** Algo em comum entre as elites dessas diferentes partes do Brasil era a formação:

os filhos eram enviados pra estudar em Portugal, principalmente na Universidade de Coimbra.

Num dá pra negar a importância dessa formação conjunta, desse compadrio estabelecido entre eles.

Mas o que uniu essas províncias, esses espaços tão diferentes um do outro,

foi a escravidão.

Ou melhor: o medo de perder a escravidão.

Por mais que os interesses e mesmo as culturas regionais fossem tão diferentes, era melhor continuar embaixo de um governo central do que correr o risco de, com uma separação, perder a principal fonte de renda: o trabalho escravo.

Porque era isso que tava acontecendo em parte dos países vizinhos, como a Argentina, por exemplo, que já tinha uma abolição gradual desde 1813.

Fora o risco de uma guerra civil, ou de uma revolta generalizada de escravizados, como foi no Haiti.

O príncipe, então, começou a fazer umas viagens pra conversar com esses grandes proprietários e com os traficantes de escravizados.

A boa gente brasileira podia ficar tranquila:  
independência, sim,  
fim da escravidão,  
não.

**Thiago Campos Pessoa:** O Estado brasileiro ele surge a partir do compromisso com o comércio negreiro.

**Tiago Rogero:** Aqui de novo o Thiago Campos Pessoa.

**Thiago Campos Pessoa:** Esses traficantes eram parte desse compromisso do Estado brasileiro com a continuidade do comércio negreiro... Estruturaram, de certa forma, avalizaram a própria construção do Estado Imperial, mas, de certa forma, essa é a parte da história não contada. O Pedro I, quando está construindo base social de apoio à ruptura com Portugal, ele justamente vai buscar essa base social de apoio no Vale do Paraíba e nas suas Minas Gerais, justamente afiançando a continuidade da escravidão. A segurança da propriedade escrava.

**Tiago Rogero:** E foi durante uma dessas viagens que chegou uma notícia bombástica lá de Portugal:

as Cortes tavam planejando enviar tropas ao Brasil

e tavam derrubando todas as nomeações feitas pelo príncipe, entre elas a do Bonifácio.

O Bonifácio escreveu uma carta pro príncipe dizendo que ele tinha que agir rápido.

A única opção era romper definitivamente com Portugal.

A Independência é uma dessas coisas que, se fechar os olhos, a gente consegue imaginar a cena.

Tem um tanto de homem branco a cavalo, às margens do Rio Ipiranga,  
e em destaque tá o Dom Pedro com aquela barba esquisita,  
montado num cavalo,

erguendo a espada  
e gritando.

Um cenário super heróico.

A questão é que...

num foi bem assim.

**Ynaê Lopes dos Santos:** O que a gente sabe, né, é que, enfim, foi um processo muito conturbado, muito pouco suntuoso...

**Tiago Rogero:** Aqui de novo a Ynaê Lopes dos Santos.

**Ynaê Lopes dos Santos:** ...de certa forma, Dom Pedro I, que ainda não era Dom Pedro I, né, o príncipe-regente, ele foi um pouco pego de surpresa. Tem uma coisa do simbolismo, que mesmo na precariedade das mulas, não tem aquela cavalaria, aquela roupa pomposa. O cara tá voltando de uma viagem de dias, né, Rio-São Paulo, que demorava acho que de 2 ou 3 dias. E na volta dessa viagem ele recebe uma carta, duas, né? Uma da sua esposa e outra do Bonifácio dizendo que, na verdade, a esposa dele, que estava como regente, quem que estava de fato governando o Brasil naquele momento era ela... Ela já havia decretado a Independência do Brasil. E aí ele salta a espada...

**Tiago Rogero:** Como o Dom Pedro tava fazendo campanha pelo país, e tava fora do Rio, a esposa dele, a Maria Leopoldina, é quem tava como regente interina.

Daí quando chegaram aquelas notícias todas de Portugal,  
foi ela que declarou a Independência, o Dom Pedro só ratificou.

Essa imagem que a gente tem do Sete de Setembro, esse mito, é por causa de um quadro. O nome também é "Independência ou Morte", foi pintado pelo Pedro Américo.

É uma pintura bem épica, tem esses elementos todos que eu já falei, só que ela foi feita 76 anos depois. É de 1888.

Agora, não é porque o grito num foi aquilo tudo que não foi importante.

Aquele momento representou, sim, uma ruptura.

E representou também a vitória,

ao menos de um grupo.

**Ynaê Lopes dos Santos:** Eu gosto muito de reforçar o Sete de Setembro porque ele é um momento em que você tem um grupo muito específico e coeso, e a coesão, o que une essas pessoas que estão definindo o futuro político dessa nova nação é, em grande medida, o lugar de senhores de escravizados.

Pensar esse momento como um momento de ruptura política, mas levando em consideração quem são os agentes dessa ruptura e o que que eles escolhem manter e por que eles escolhem manter em meio a essas transformações. E a escravidão, sem sombra de dúvida, é, talvez, a maior aposta e a maior manutenção que foi feita. Mas, de novo, uma manutenção que é feita no momento em que a possibilidade da escravidão acabar também estava no horizonte de expectativas.

**Tiago Rogero:** O Brasil podia ter seguido outros caminhos.

Tinha outras possibilidades de Brasil.

Mas a que venceu... foi a dos senhores de escravos.

E não é que o Brasil seria, sei lá, progressista se decidisse acabar com a escravidão naquele momento, ou pelo menos com o tráfico negreiro.

Nos Estados Unidos, por exemplo, o tráfico pelo mar já tava proibido desde 1808.

Aqui, as coisas pioraram.

Lembra que, depois da chegada da família real, o volume de pessoas desembarcadas aqui tinha passado de 30 mil pra 42 mil por ano?

Depois da independência, foi pra 52 mil.

**Ynaê Lopes dos Santos:** Assim, o racismo não é um tipo de gás que tá na atmosfera. O racismo é uma construção humana. E a escravidão também. A

escravidão é uma instituição. E ela perdurou porque você tinha um grupo de senhores de escravizados, que era um grupo que também formou a elite política brasileira ou as elites políticas brasileiras nas suas multiplicidades, nas suas discordâncias... elas tinham essa base comum que era o fato d'eles serem proprietários de escravizados.

**Tiago Rogero:** Em dezembro de 1822, foram criados os símbolos nacionais, como a bandeira do Império.

Cê já olhou bem pra bandeira do Império?

Ela tem o mesmo retângulo verde da bandeira de hoje, representando a casa de Bragança, que é a família do Dom Pedro;  
o losango amarelo representa a casa da família da Maria Leopoldina;  
tem a cruz da Ordem de Cristo,  
tem umas estrelas representando as províncias,  
e tem a coroa.

Acima da coroa ainda tem mais uma cruz, simbolizando que Deus tava acima de tudo.  
Hm.

Mas além de tudo isso, tem dois raminhos de folha que ninguém costuma reparar.

Esses dois ramos emolduram o brasão.

De um lado, um ramo de café; do outro, um ramo de tabaco. Eles tão unidos pelo laço da nação, uma fitinha verde e amarela.

E o Dom Pedro disse que a ideia era que esses ramos representassem as riquezas da nação.

Café  
e tabaco.

Daí eu te pergunto:

Quem trabalhava e colhia,  
quem trabalhava e morria,  
pra gerar essas duas riquezas nacionais?

<<<<< som de TV ligando >>>>>

**Voz 5:** A Avenida Paulista, principal palco das manifestações em São Paulo, além de receber manifestantes em defesa das reformas do governo Jair Bolsonaro, abriu espaço para defesa de outras pautas mais alternativas, entre elas a defesa da monarquia.

**Voz 6:** Há pouco tempo atrás nós éramos... nós éramos, é, milhões, mas milhões silenciosos. Agora nós já estamos na rua no Brasil todo, as pessoas já veem a bandeira do Império e falam 'Ó, é a monarquia, monarquia'.

<<<<< som de TV desligando >>>>>

**Tiago Rogero:** Agora, seria errado dizer que não teve guerra na independência no Brasil.

Teve guerra.

Teve sangue derramado.

Só que não foi sangue azul.

**Ynaê Lopes dos Santos:** As guerras de Independência foram guerras que aconteceram em diferentes partes do país e que tiveram, obviamente, dimensões distintas, nas quais as forças militares desse recém-criado país com uma ajuda fundamental da população agora brasileira, lutam pela expulsão das tropas portuguesas. E são movimentos que têm um apelo popular muito grande. E o apelo popular não é que as pessoas ficavam na janela de suas casas batendo palma. O apelo popular é porque as pessoas vão para as ruas com faca, com o que elas tivessem, porque a gente não tá falando de um Exército organizado ainda.

**Tiago Rogero:** A mais conhecida dessas guerras, e a que teve maior repercussão, foi na Bahia.

**Ynaê Lopes dos Santos:** Por meio de um movimento que tem uma participação popular significativa e na qual a gente tem pelo menos a participação de três

mulheres que ganharam, né, em escalas diferentes por causa de suas pertencas raciais, um destaque na história brasileira...

**Tiago Rogero:** Uma dessas mulheres, a Maria Felipa, né?

**Ynaê Lopes dos Santos:** Sim. Que é a mulher negra que a gente conhece de forma mais emblemática nesse período da história do Brasil.

**Tiago Rogero:** Maria Felipa de Oliveira.

**Tiago Rogero:** Primeiro, se apresenta por favor pro ouvinte. Seu nome completo e como que você se descreve.

**Valdéria Lopes:** Bem, eu sou Valdéria Lopes, eu sou pedagoga, especialista em Metodologia do Ensino Africano e Afro-brasileiro...

**Tiago Rogero:** A Guerra da Independência na Bahia começou em fevereiro de 1822.

Primeiro, um português foi nomeado pelas Cortes pra ser governador de Armas da Bahia.

A população protestou.

A Bahia tava um barril de pólvora,

daí os soldados portugueses atacaram os militares brasileiros.

**Valdéria Lopes:** Maria Felipa, pra mim, ela representa os negros e negras que perderam a vida, que foram invisibilizados por séculos. E aí você não vê na História, nos livros falando desses corpos que foram jogados. E Maria Felipa pra mim representa a presença do negro na luta da Independência do Brasil na Bahia.

**Tiago Rogero:** A linha de frente da resistência brasileira era formada por pessoas negras, as chamadas tropas de cor.

Enquanto os negros resistiam em Salvador,

a turma rica, e branca, fugiu pras suas fazendas no Recôncavo.

O Dom Pedro contratou um mercenário francês, o Pierre Labatut,

pra liderar as tropas brasileiras.

**Valdéria Lopes:** Aqui em Itaparica foi onde houve mais sangue derramado na luta da Independência. Itaparica é um lugar singular quando fala das consequências das lutas da Independência. Mas muito poucas pessoas sabem disso e isso é muito pouco falado.

**Tiago Rogero:** Na Ilha de Itaparica, que fica na Baía de Todos os Santos, a Maria Felipa de Oliveira, uma mulher negra, pescadora, marisqueira e quitandeira, teria liderado um grupo que incendiou barcos dos portugueses.

E as mulheres lideradas por ela também teriam dado uma surra de cansanção, sabe cansanção? é uma planta que dá queimadura se você encostar,

elas teriam dado uma surra de cansanção nos portugueses.

Eu tô colocando esse tanto de "teria" porque não tem muito documento atestando todos esses feitos dela.

Mas a gente sabe como que o Brasil trata documento, especialmente se for um documento envolvendo o protagonismo de uma mulher, e de uma mulher negra, 200 anos atrás.

E no fim das contas o que importa mesmo é o que a Maria Felipa significa.

**Valdéria Lopes:** Muitos negros foram lutar pela sua independência, né? A gente sabe disso, mas a História não conta. Maria Felipa é o elemento pedagógico, didático, que faz com que a gente construa esse discurso que não foi escrito. A gente ainda sofre muito preconceito porque a maioria dos acadêmicos diz que é um mito, que ela não existiu. Mas a gente entende que a História, ela é forjada com as memórias. Eu me sinto contemplada em ver essa heroína. Pra mim eu não preciso que acadêmico nenhum ache importante. Ela é o negro na luta pela independência. Ela tira a gente da invisibilidade dos livros didáticos, do livro de História, né? Essa mulher é muito forte.

**Tiago Rogero:** A guerra da Independência só terminou de fato em julho de 1823,

quando os soldados portugueses partiram de volta pra Terrinha.

Foi num 2 de julho, e por isso que a data até hoje é tão celebrada na Bahia.

**Mary Del Priore:** É preciso a constituição de uma frota pra abafar a guerra na Bahia, que é onde foi feita a Independência, é bom que se diga, com sangue, e com sangue de escravos, e com sangue de afro-mestiços e afro-brasileiros que queriam a Independência.

**Tiago Rogero:** Esta é a Mary Del Priore.

Então você vê que teve guerra e que teve morte.

Teve Independência ou Morte.

Só que quem morreu  
era preto  
e pobre.

A essa altura o Dom Pedro já tinha sido coroado.  
Mas ele não quis ser rei,  
ele quis ser imperador do Brasil.  
A autoestima do homem hetero branco é imbatível.

Pra criar a Marinha de Guerra brasileira, o Bonifácio pediu ajuda pra Inglaterra.  
E os ingleses, que continuaram como grandes parceiros comerciais do Brasil, seguiram pressionando também pelo fim do tráfico negreiro.

Daí, pra convencer a Inglaterra, o Bonifácio disse pra eles que reprovava o tráfico e que só não o interrompia porque isso podia ameaçar a existência do novo governo.

Mas que, em 2 ou 3 anos, o "mal",  
e foi assim que ele chamou,  
o mal teria fim.

O Bonifácio chegou a dizer que sabia que o preço a pagar, pela unidade do Império,

era a escravidão.

Um preço que gerações e gerações de pessoas negras,  
as que conseguiram sobreviver, né,  
tão pagando até hoje.

Bom, todo país novo precisa de leis. Precisa de uma Constituição.

Em maio de 1823, foi instaurada a Assembleia Nacional Constituinte.

Os parlamentares eram quase todos homens brancos ricos,  
alguns poucos afrodescendentes,  
mas nenhuma pessoa negra de pele escura, por exemplo.

E nenhuma mulher, também, que nessa época não votava e nem era votada.

A escravidão, claro, era um assunto na Assembleia.  
Tinha deputado que era abertamente contra a escravidão.  
Que defendia a abolição.

E tinha também quem defendia a manutenção do cativoiro.  
Afinal, a maioria ali era tudo senhor de escravo.

Teve um deputado mineiro, o Maciel da Costa, que disse que a elite brasileira não tinha culpa pela escravidão. Olha só isso.

Que os africanos

"vêm porque seus bárbaros compatriotas os vendem".

Cê já ouviu esse tipo de bobagem em algum lugar, né?

<<<<< som de TV ligando >>>>>

**Jair Bolsonaro:** Olha só, olha só... Se for ver a História realmente, o português nem pisava na África, era os próprios negros que entregavam os escravos no...

**Voz 7:** Não. Pisavam... Pelo amor de Deus...

**Jair Bolsonaro:** Não, não, pelo amor, mas era...

<<<<< *som de TV desligando* >>>>>

**Tiago Rogero:** Já o Bonifácio, que também era deputado, preparou um documento enorme pra apresentar na Assembleia, defendendo o fim da escravidão.

**Mary Del Priore:** Ele está preocupado com o progresso econômico do Brasil. E ele entende, que a escravidão é um atraso, que a escravidão de certa maneira, impossibilita a criação de indústria. Que a escravidão impossibilita a ocupação do solo de maneira inteligente.

**Tiago Rogero:** E ele tentou convencer os colegas pelo que era mais importante pra eles: o bolso.

Se num abolir, não vai desenvolver,  
não vai crescer.

**Mary Del Priore:** São pautas que envolvem um crescimento desse futuro país, desse futuro império. Como qualificar a mão de obra, como criar escolas. Ele tem uma preocupação enorme com educação, e isso é muito importante. Ele tem uma visão de conjunto. Não da escravidão; de como fazer crescer o Brasil. Escolas técnicas, introdução de imigrantes... Então, a questão da escravidão está subsumida a um projeto de fazer o Brasil crescer, se industrializar, se libertar da grande propriedade... Sobretudo, se educar.

**Tiago Rogero:** O Bonifácio escreveu assim:

**Voz 8:** É preciso, pois, que cessem de uma vez os roubos, incêndios e guerras que fomentamos entre os selvagens da África. É preciso que não venham mais a nossos portos milhares e milhares de negros, que morriam abafados no porão dos nossos navios, mais apinhados que fardos de fazenda: é preciso que cessem de uma vez por todas essas mortes e martírios sem conta, com que flagelávamos e flagelamos ainda esses desgraçados em nosso próprio território. É tempo, pois, e mais que tempo, que acabemos com um tráfico tão bárbaro e carniceiro; é tempo também que vamos acabando gradualmente até os últimos vestígios da escravidão entre nós, para que venhamos a formar em poucas gerações uma

nação homogênea, sem o que nunca seremos verdadeiramente livres, respeitáveis e felizes.

**Tiago Rogero:** E você vê que, mesmo criticando a barbárie que era a escravidão, o José Bonifácio não deixava de ser um homem branco e rico do começo do século XIX, e isso fica evidente por exemplo quando ele chama os africanos de "selvagens".

Bom, mas esse documento do Bonifácio tinha 32 artigos. Dá pra você ler na íntegra no site do projeto Querino.

Só que esse documento

nunca foi apresentado na Assembleia.

Em muito pouco tempo, aconteceu um monte de coisa:

primeiro, o Bonifácio foi demitido pelo imperador. Sim, demitido.

Essas ideias reformistas dele num pegavam bem entre a turma do dinheiro.

Mas num era só isso.

Os outros deputados reclamavam que o Bonifácio e os irmãos dele eram muito truculentos, tinham até espancado um jornalista português que tinha criticado a família num jornal.

Daí o Dom Pedro rompeu com o ex-braço-direito, e a família dele virou oposição ao imperador.

E antes que o Bonifácio pudesse levar o documento da escravidão pro plenário,

o Dom Pedro destituiu a Assembleia.

Fechou. Acabou.

Um dos motivos é que os deputados tavam trabalhando num texto que restringia os poderes do imperador e que dava mais poder pras elites das províncias.

O Dom Pedro não gostou,

e acabou com a brincadeira.

O Bonifácio foi preso,

e exilado.

**Mary Del Priore:** Eu não acho que ele tenha caído por conta da sua luta pela escravidão, tanto é que depois, no exílio, ele jamais se digna a lembrar uma vez dessa questão da escravidão... Eu só lembro também para aqueles que ainda acreditam que ele é o grande patrono da Independência, que quando ele cai, ele funda um jornal e quem vai considerá-lo em primeiro lugar o grande patrono da Independência é ele mesmo. Porque nesse jornal intitulado 'Os Tamoios' ele se auto-entrevista e ele então diz que são os Andradas os responsáveis pela Independência do Brasil, esquecendo que as batalhas foram inúmeras em toda parte e que todos os brasileiros participaram de um jeito ou de outro.

**Tiago Rogero:** Não tinha mais Assembleia pra fazer a Constituição, mas o país ainda precisava de leis.

Daí o imperador nomeou uma comissão pra escrever a Constituição; entre eles, o Maciel da Costa, aquele mesmo que dizia que a elite brasileira não tinha culpa pela escravidão.

O Maciel não só ajudou a escrever a Constituição, como virou o novo braço-direito do Dom Pedro, entrando no lugar do Bonifácio como ministro.

E a escravidão, bem.

A gente já sabe o que aconteceu com a escravidão.

**Ynaê Lopes dos Santos:** Se há algo que se manteve depois da atuação de Dom Pedro I e da dissolução, é justamente esse caráter escravocrata que é um reflexo do caráter escravocrata da oligarquia brasileira.

**Tiago Rogero:** Aqui de novo a Ynaê Lopes dos Santos.

**Ynaê Lopes dos Santos:** Essa classe oligárquica brasileira, ela é descendente de proprietários de escravizados. As pessoas não chegaram aqui três dias antes do Sete de Setembro, muito pelo contrário. Fazem parte de famílias que há décadas, talvez séculos, sejam proprietários de escravizados. Então, quando a manutenção da escravidão ela se dá, e ela se dá por meio do silêncio, né, você não tem nenhum instrumento legal dizendo, 'Ó, a escravidão continua'. Não tem nada. O que você tem é o artigo 179 da Carta Constitucional de 1824 dizendo que todo cidadão brasileiro tem como garantia propriedade privada. A escravidão faz parte da propriedade privada e segue o baile.

**Tiago Rogero:** A Constituição também trazia um outro artigo que ajudaria a manter o sistema escravocrata por mais tanto tempo.

Esse artigo era a definição de cidadania.

Pela lei, toda pessoa negra livre, nascida no Brasil, era cidadã do Império.

Se fosse um africano, ainda que conquistasse a alforria, não seria um cidadão.

Mas o filho desse africano livre, sim.

E num foi uma benevolência isso. Foi mais como uma válvula de escape.

Os poderosos davam alguma coisa pra não correr o risco de as pessoas botarem abaixo todo o sistema escravista.

Pra não correr o risco de ter aqui um novo Haiti.

E mesmo pra quem conseguia essa cidadania, era uma cidadania de segunda categoria, também.

Na teoria essas pessoas tinham direitos civis, mas não direitos políticos.

Votar e ser votado em todas as eleições.

Essa Constituição é até hoje a mais longeva da História do Brasil.

Durou até 1889.

E por todo esse período as pessoas negras que eram livres tiveram essa liberdade precária.

**Ynaê Lopes dos Santos:** A liberdade, mesmo quando garantida por uma carta de alforria, ou até mesmo pra população negra que nascia já livre, como é uma liberdade atrelada a uma escravidão racializada, significa que ser negro é nunca ter uma liberdade plena. Então ser proprietário de escravo é uma das formas, inclusive, mais efetivas pra você garantir a sua própria liberdade.

**Tiago Rogero:** Por isso que alguns ex-escravos, quando conseguiam algum dinheiro, acabavam comprando escravos também.

E dava até pra comprar um escravizado a prazo, pagando aos pouquinhos.

**Ynaê Lopes dos Santos:** Os proprietários de escravos não eram só os grandes proprietários, os grandes senhores. A escravidão era uma instituição, uma propriedade privada...

**Tiago Rogero:** Três anos depois, a Câmara dos Deputados voltou a funcionar.

Daí um homem negro fez uma petição pra Câmara.

A Constituição dizia que qualquer cidadão que fosse preso tinha o direito de saber por que tava preso. Qual que era a acusação contra ele.

E dizia também que, se a Constituição estivesse sendo violada, todo cidadão tinha o direito de apresentar uma petição ao Poder Legislativo.

E foi isso que esse homem negro fez.

O nome dele era Delfino. Num se sabe o sobrenome dele.

O caso foi revelado pelas historiadoras Adriana Pereira Campos e Kátia Sausen da Motta.

Na petição, o advogado argumentou que o Delfino já tava preso há 2 meses sem acusação. Ele não tava sendo acusado de nenhum crime, mas continuava preso.

O advogado escreveu assim:

"O Suplicante, como liberto, é um cidadão

que, como tal, não pode ser preso, e muito menos continuar a existir em prisão".

Ou seja: o Delfino, como homem negro livre nascido no Brasil, tava tentando simplesmente exercer o direito dele como cidadão.

**Anderson Gonçalves:** Como eu trabalho de feirante, mas eu fazia meus biscatezinhos também às vezes, aí eu fui lá nele pra ver se ele tinha uma vaga lá de biscate, pra fazer um biscate, pra ganhar um qualquer por fora que já ajudava, né? Só que quando eu cheguei lá foi que os polícia vêm.

**Tiago Rogero:** Só que o Delfino...  
continuou preso.

A história era assim:

o Delfino era escravizado por um sujeito rico lá, que morreu.

E os herdeiros começaram uma briga pelo espólio.

Daí o filho desse sujeito vendeu o Delfino, mas um cunhado chegou dizendo que ele é que era o herdeiro, e portanto dono do Delfino, e prendeu o Delfino.

Daí o cara que tinha comprado ele falou:

"Quer saber? Agora não é meu nem seu. Agora ele é livre".

E libertou o Delfino.

Mas o juiz decidiu que, enquanto não tivesse uma palavra final sobre o espólio, o Delfino deveria continuar preso, mesmo sem ter cometido nenhum crime.

Sabe a presunção de inocência? "Todo mundo é inocente até que se prove o contrário"? Na teoria deveria ser assim.

A presunção nesse caso do Delfino num era a de liberdade.

Era de escravidão.

Antes de poder ter qualquer direito de cidadão,

ele primeiro tinha que provar que não era escravizado.

**Anderson Gonçalves:** Aí foi, sentou, me botou sentado lá, começaram a tirar um montão de foto, um montão de gente olhando. E eu perguntando a eles o que que era. Aí foi e falou... 'Tá, tu vai ser conduzido só na delegacia mesmo e vai embora pra casa'. Eu perguntei eles pra que que eu ia ir na delegacia, que eu não devia nada à Justiça, falei com eles. E eles: 'Não, tu vai ter que ir'.

**Tiago Rogero:** O Delfino foi preso em maio de 1826 e fez essa petição pra Câmara em julho.

Só em maio do ano seguinte é que foi lido em plenário um parecer da comissão que analisou o caso,  
e eles deram razão  
pro juiz.

**Anderson Gonçalves:** Aí quando chegou lá a delegada só vem falando que eu era safado mesmo. E eu falando com ela que eu era trabalhador. Aí ela foi e falou: 'Já tranca ele lá pra dentro mesmo'. Aí trancou. Ali eu fiquei trancado.

**Tiago Rogero:** Esse parecer da Comissão é a última notícia que se tem do Delfino.

Não se sabe se ele ainda tava preso nem o que que aconteceu com ele depois disso.

**Anderson Gonçalves:** E ali não via nem dia, nem noite, nem nada. E ninguém num me falando nada. Eu pedindo explicação, gritando lá. Eles falaram que era pra calar a boca, se não ia ficar ruim pra mim.

**Tiago Rogero:** Será que ele foi enfim libertado? Será que continuou na prisão?

Que porcaria de cidadania é essa em que uma pessoa pode ficar tanto tempo presa mesmo sem ter cometido crime nenhum?

**Anderson Gonçalves:** Aí fiquei lá mais sete dias nessa cela, aí foi que entrou pro presídio, que era o convívio. Aí lá o polícia ainda falou assim: 'Se tu não conhece, tu vai conhecer o inferno'.

**Tiago Rogero:** Essa voz que cê tá ouvindo esse tempo todo é a do Anderson Gonçalves.

Em 2019, ele tava indo atrás de uma vaga de emprego,  
quando foi abordado por policiais.

Tudo isso no Centro de Petrópolis, aquela cidade que paga até hoje laudêmio pros  
descendentes do Dom Pedro.

Os policiais não explicaram nada pro Anderson,  
levaram ele pra delegacia e deixaram ele lá.

Num podia falar com a esposa, num tinha advogado...

Sem que ele soubesse, tava na delegacia também um homem que tinha sido assaltado  
um mês antes.

O homem disse que não tinha dado pra ver direito o ladrão, mas que era um homem  
negro  
e que tinha uma cicatriz no rosto.

Os policiais levaram a vítima pruma sala, olhando prum vidro.  
Do outro lado do vidro, olhando pro espelho,  
tava o Anderson  
ao lado de dois homens.

**Anderson Gonçalves:** E ficava olhando um pro outro e rindo. Assim, né? E eu  
olhando pro espelho. E eles rindo lá da minha cara assim, eu sério, olhando pro  
espelho, aí foi que eu descí. Só que botou em reconhecimento, só que como eu  
não entendo, nem eu sabia que era reconhecimento. Pra mim tava normal ali.

**Tiago Rogero:** A vítima "reconheceu" o Anderson.

Ele foi denunciado pelo Ministério Público com base nesse reconhecimento  
e o juiz aceitou a denúncia.

**Anderson Gonçalves:** E falei com eles, 'Não, não cometi nada disso não'. Aí foi  
nisso, aí fiquei. Aí fui ficando preso. Foi passando meses e meses e eu lá. Aí fiquei  
um ano e três meses preso sem saber de nada. Assim, procurando uma ajuda lá  
dentro, ninguém dava atenção, nada. Que lá na verdade nós fica tratado igual um

bicho, mesmo. Não tem jeito, aí comida azeda entrando. Não dava pra comer direito, eu não ia comer comida azeda. Às vezes até comia. Não minto, não. Mas azedona, eu não ia ficar comendo aquilo.

**Marcílio Brito:** Olha, Tiago, eu vou completar 27 anos de Defensoria Pública. E é uma das maiores injustiças que eu já vi até hoje. Porque aqui nós temos o racismo estrutural efetivamente configurado por parte da Polícia Civil, investigação; por parte do Ministério Público, acusação, e por parte do Judiciário, julgador.

**Tiago Rogero:** Este é o Marcílio Brito, defensor público do Estado do Rio.

**Marcílio Brito:** Ele foi catado na rua, 'ah, você é o autor do crime e está preso'. Sem mandado. E foi colocado para reconhecimento perante dois homens brancos.

**Tiago Rogero:** Ah, é, faltou dizer isso.

Lembra que a vítima disse que num tinha dado pra ver direito o assaltante, mas que era um homem negro?

Na hora de fazer o reconhecimento na delegacia, os policiais colocaram três pessoas pra vítima reconhecer.

O Anderson, que é um homem negro,

e dois homens

brancos.

**Marcílio Brito:** E a vítima acabou reconhecendo Anderson num processo de indução.

**Tiago Rogero:** Mas esse não foi o único erro do caso.

**Marcílio Brito:** Anderson só foi levado à autoridade judicial 6 meses depois do primeiro dia de encarceramento, quando é obrigatória a audiência de custódia.

**Tiago Rogero:** O Anderson não teve audiência de custódia. Ele não sabia do que que tava sendo acusado. Ele não teve direito à defesa.

E o Anderson só foi solto 15 meses depois,  
15 meses,

porque, quando enfim teve uma audiência, e aqui eu vou usar aspas da decisão que finalmente libertou o Anderson,

"a vítima não identificou no acusado a principal característica física que observou no autor do delito, ou seja, uma cicatriz no rosto".

**Marcílio Brito:** Anderson, você entrevistou, Anderson não tem a cicatriz.

**Tiago Rogero:** 15 meses preso. 15 meses.

Quem devolve esse tempo pra ele? Pra esposa dele?

**Anderson Gonçalves:** Me prejudicou em tudo porque eu era muito esforçado, eu tinha a minha banquinha, era ali, quando aparecia os biscate eu ia, já fazia, aí quando eu fiquei lá me prejudicou porque foi como roubo, então roubo, pra mim entrar na casa de uma pessoa hoje ela vai desconfiar mesmo com eu provando. Então perdi todos os biscate. Hoje eu vivo de remédio controlado. Porque se eu não beber remédio fico nervoso, me dá insônia. Fico pensando só na cadeia que pensa... Passa igual um filme, é difícil de sair.

**Tiago Rogero:** 15 meses preso pelo crime de nascer preto no Brasil.

Que porcaria de cidadania é essa em que uma pessoa pode ficar tanto tempo presa mesmo sem ter cometido crime nenhum?

200 anos separam a história do Delfino da história do Anderson.

Pro Delfino, a presunção era a de escravidão.

Pro Anderson, de culpa. De criminalidade.

Do tipo: todo negro é criminoso, até que consiga provar o contrário.

Duzentos anos depois daquela primeira Constituição,

o negro ainda é um cidadão de segunda categoria no Brasil.

**Tiago Rogero:** E o que que cê pensa do futuro assim, Anderson? O que... o que cê tem vontade de fazer... quando cê sonha, o que que cê sonha?

**Anderson Gonçalves:** O meu sonho ainda continua o mesmo, que é abrir lá a minha quitandinha de legumes, verdura. Abrir uma lanchonetezinha depois também pra que nós vende os bolinho, nós sabe fazer. E continuar a vida assim trabalhando, né, que eu quero me recuperar tomando esse remédio. Eu sei que um dia eu vou chegar lá. Mesmo que tentaram tirar esse sonho, mas não tira. Porque eu ainda tenho isso na mente e eu vou fazer, vou lutar até eu conseguir.

**Tiago Rogero:** Este foi só o primeiro episódio do podcast do projeto Querino.

A gente começou pela Independência, mas nos próximos episódios vamos tratar de outros momentos da História do Brasil, e do Brasil atual.

O projeto Querino é inspirado no "1619", lançado em 2019 pelo jornal "The New York Times" e liderado pela jornalista Nikole Hannah-Jones.

Aqui no nosso projeto, tem uma frase do fotógrafo e ativista Januário Garcia que tá guiando essa jornada.

O Januário nos deixou em 2021, e ele dizia assim:

"Existe uma história do negro  
sem o Brasil,

o que não existe

é o uma história do Brasil

sem o negro".

O projeto Querino é apoiado pelo Instituto Ibirapitanga.

O podcast é produzido pela Rádio Novelo.

O nosso site, [projetoquerino.com.br](http://projetoquerino.com.br), reúne todas as informações sobre o projeto, e conteúdo adicional. O site foi desenvolvido pela Àiyé.

E eu te convido a conferir também todo o material do projeto Querino que está sendo publicado pela revista piauí, nas bancas e no site da revista.

Este episódio teve pesquisa de Gilberto Porcidonio, Rafael Domingos Oliveira e Angélica Paulo, que também fez a produção.

A edição é do Lucca Mendes; a sonorização, da Júlia Matos e a finalização, da Pipoca Sound.

A checagem é do Gilberto Porcidonio, e a música original, do Victor Rodrigues Dias.

Estratégia de promoção, distribuição e conteúdo digital: Bia Ribeiro.

A identidade visual é do Draco Imagem.

O ator que gentilmente leu aquele trecho da representação do Bonifácio foi o Paulo Betti.

Os transcritores das entrevistas foram Guilherme Póvoas e Rodolfo Vianna.

A locução foi gravada no estúdio da Pipoca Sound, com trabalhos técnicos do João Muniz.

Consultoria em roteiro de Mariana Jaspe, Paula Scarpin e Flora Thomson-DeVeaux, com revisão de Natália Silva.

Consultoria em História: Ynaê Lopes dos Santos.

Produção-executiva: Guilherme Alpendre.

A execução financeira do projeto é do ISPIS, Instituto Sincronicidade para a Interação Social.

Idealização, reportagem, roteiro, apresentação e coordenação, Tiago Rogero.

Este episódio usou áudios de TV Cultura, TV Record, Jovem Pan News.

O Instituto Ibirapitanga é uma organização doadora fundada em 2017 pelo cineasta Walter Salles, dedicada à defesa de liberdades e ao aprofundamento da democracia no Brasil.

O Ibirapitanga apoia organizações, movimentos e coletivos da sociedade civil brasileira que desejam produzir transformações estruturais positivas no país nas áreas de Equidade Racial e Sistemas Alimentares.

Agradecimentos a Andre Degenszajn, Iara Rolnik, Thales Vieira, Flávia Oliveira, Manuela Thamani, Diana Mendes, Mohara Valle, Raphael Bandeira, Raul Torres, Thais Prais, Amanda Pessoa, Marcelle Darrieux, Juliana Jaeger, FêCris Vasconcellos, Gabriela Varella, Paulo Betti,

Rejane Guerra, Marco Morel, Nilzete Santos, Ricardo Mendes, Eny Kleyde, Rodrigo França,  
Lúcia Xavier, Carlos Araujo e Pricilla Maria.

Até o próximo.